

## DIRETORES

Prof. Otávio Drummond  
 Prof. Arlindo P. Gonçalves  
 Prof. Edson Potsch Magalhães  
 Prof. A. Secundino São José  
 Prof. Jurema Soares Aroeira

Janeiro - Junho - 1949

VOL. VIII | N. 44

VIÇOSA — MINAS

Caixa postal, 4 — ESAV — E. F. Leopoldina

# Palestras Agrícolas

EDGARD DE VASCONCELOS (\*)

(Continuação)

II

Uma vez dividido o trabalho de *preparação* e *apresentação* da palestra agrícola, resta apenas que os membros das várias comissões trabalhem harmônica e, procurando cada qual realizar o trabalho planejado, de modo perfeito, isto é, adequado e oportuno, sob a supervisão de um bom orientador. Sem essa pontualidade e adequacidade, nada se conseguirá. Por isso é de toda conveniência criar o senso de responsabilidade entre aqueles que constituem as várias comissões, pois é justamente por displicência e falta de senso de responsabilidade, que falham muitas das nossas iniciativas. Vejamos, agora, como é que devem proceder as várias comissões, no desempenho das tarefas que lhes serão confiadas.

**1. Comissão de propaganda** — Para vencer o comodismo do homem rural, acostumado ao isolamento e ao sedentarismo, é preciso que essa comissão seja constituída de indivíduos conhecedores da psicologia do homem rural, de modo a estimulá-los, convenientemente, criando, no espírito deles, o interesse pela reunião, ou pela palestra agrícola, pois, de um modo geral, excetuadas as reuniões de caráter religioso, o nosso agricultor é pouco amante dos "ajuntamentos", dos "grupos", das multidões. Aliás, essa atitude é fruto das circunstâncias sociais, dentro das quais élle nasce, vive e se educa. Daí o esforço, quase sobrehumano que

(\*) Prof. de Sociologia Rural da ESAV.

terá de fazer a comissão de propaganda para poder vencer esse feitiço natural da sua personalidade, acostumada ao retraimento, às relações de família, de pequenos contactos com "estranhos". Além disso, o homem rural é pouco afeito à leitura, de modo que a comissão de propaganda esbarra aí com sérias dificuldades. Dêsse modo, os anúncios devem ser vivos, magnéticos, interessantes e breves, de modo a prenderem a atenção do agricultor, ou do lavrador.

Para ser vivo, é necessário que o anúncio focalize um interesse de vital importância da região, para o qual estejam os agricultores com as vistas constantemente voltadas. Assim, numa região de produção de milho seria vivo um anúncio como este:

"Aprenda a produzir vinte carros de milho por alqueire assistindo à palestra agrícola, que se realizará domingo próximo, às 9 horas, na fazenda "Liberdade", após a missa".

O ato religioso, no caso, será um forte estímulo à reunião de grande número de agricultores, e contribuirá de maneira benéfica para a boa disposição dos espíritos, pois, muitos irão à palestra, movidos, pelo menos, por interesse religioso.

Lançando mão de expedientes desta natureza, com a devida antecipação, a comissão de anúncios poderá concorrer, de modo oportuno e adequado, para preparar o bom êxito da reunião e da palestra agrícola.

**2. Comissão de recepção** — A comissão de recepção deve ser constituída de pessoas que conheçam bem os hábitos do homem rural, de modo a saberem estabelecer rápido contacto com o seu espírito, pondo-o a vontade. E' preciso, pois, que tais membros preparem "ambiente favorável" ao fazendeiro, criando condições, em tudo semelhantes, às da própria fazenda, de modo a quebrar os protocolos, a evitar as "situações artificiais", que põem em evidência a timidez do homem do campo e que tanto o constrangem em nossas reuniões sociais. Assim sendo, o salão das reuniões não deverá ser ornamentado, nem preparado artificialmente, com disposição antecipada dos móveis e utensílios. Tudo isso deverá ser feito pelos próprios agricultores, à medida que forem chegando. Participando ativamente do trabalho de preparação da sala de reuniões, o fazendeiro não perceberá, depois, o artificialismo da situação, e isso é muito importante para colocá-lo à vontade, despertando nele o desejo de voltar, de novo, às reuniões idênticas, que se realizarem depois.

Ao receber o fazendeiro, um dos membros da comissão de recepção, dir-lhe-à, por exemplo, frases como estas:

“Ah, logo ví que o senhor não deixaria de vir a nossa reunião!”.

“Ah, haveríamos de sentir muito, se o senhor não viesse!”.

Nada de frases artificiais! Dizer ao agricultor que a “comissão se sente muito honrada com a sua presença”, seria colocá-lo em situação embaraçosa. E o primeiro contacto é decisivo. Por isso, a comissão deverá inteirar-se, sobretudo, das expressões de cordialidade com que os fazendeiros costumam receber uns aos outros. O convite para “tomar o café” é clássico nas fazendas, e por isso, ele não deverá faltar nesses momentos de recepção, pois, na reunião bem planejada terá, certamente, quem dêle se incumbirá.

**3. Comissão de “perguntas e respostas”** — Como já deixamos explicado, na primeira parte d'este trabalho, “as brincadeiras de perguntas e respostas” são muito estimulantes e constituem precioso meio de difusão de cultura. Os membros da comissão encarregada de levar a cabo êsse trabalho deverão, para isso, misturar-se com os frequentadores da reunião, sem perceber que ali estão, especialmente, para desempenhar essa tarefa. Dois, treis, ou mais indivíduos se encarregarão disso. Assim que os fazendeiros estiverem bem a vontade, palestrando sobre assuntos vários, um dos membros dirá, por exemplo, a um deles com quem esteja em contacto mais direto:

“Que é mais interessante, vender o milho na época própria, ou engordar porcos com êle?”.

Essa pergunta despertará, então, entre os agricultores, uma série de considerações, que poderão ser dirigidas e esclarecidas pelos membros da comissão, os quais terão, certamente, soluções próprias e adequadas para o caso. Sem perceber, portanto, os agricultores estarão recebendo conhecimentos interessantes e úteis às suas atividades. Para estimulá-los ainda mais, um dos membros da comissão poderá fazer-lhes perguntas como estas:

“Quem seria capaz de me dizer qual é a melhor ração para alimentação de pintos”?

“Quais os cuidados que se devem ter na criação de leitões”?

“Como se deve proceder com o animal atacado de aftosa, para não contaminar os outros”?

"Qual a distância ou espaçamento que se deve observar para plantio do milho nas baixadas e nos morros"?

"Como se deve proceder para evitar que as chuvas lavem a camada fértil do solo"?

Muitas perguntas, como estas, poderão ser feitas, com grande utilidade para os frequentadores da reunião, ou da palestra agrícola. Tais perguntas despertam grande estímulo, obrigando os fazendeiros a "mobilizar a sua experiência", a retificá-las naquilo em que esteja errada e a ampliá-la, naquilo em que for deficiente. Ao lado, porém, dessas perguntas sérias, poder-se-ão introduzir também, outras de caráter puramente recreativo, ou de distração. Não seriam, portanto, impróprias à ocasião, perguntas como estas:

"O que é? O que é? Que de noite trabalha e de dia dorme?..."

"O que é? O que é? Que entra em casa e fica sempre ao lado de fora"?

"O que é? O que é? Que está sempre passando por nós, e nunca o vemos"?

Com perguntas desta natureza, a comissão logrará um duplo objetivo, qual seja o de *divertir* e *instruir* os frequentadores da reunião, os quais poderão também fazer, no momento, as suas perguntas sérias ou divertidas, sem acanhamento nem timidez.

4. **Comissão de anedotas** — Afim de quebrar a monotonia da reunião, a comissão de anedotas poderá preparar e apresentar alguns fatos curiosos aos fazendeiros, através de anedotas e de historietas interessantes. Convém que os membros dessa comissão, também, estejam disseminados no seio da assistência, como se fossem simples espectadores. Aí começarão eles a contar, particularmente, as suas anedotas ao grupo que reunirem em torno de si, e, quando a assistência estiver bastante estimulada, poderão, pois, contá-las de maneira mais ampla, ou mais geral. Essa graduação é importante para ganhar o interesse dos agricultores e para conservá-los à vontade. Subir logo a um estrado para contar anedotas, ou dizer "piadas", não nos parece a atitude mais recomendável para uma assembléia de fazendeiros. Usando o primeiro método, isto é, o da graduação, todos se sentirão estimulados pelas anedotas, e muitos poderão participar, de modo positivo, dessa atividade. Poucos serão, por exemplo, os fazendeiros que terão "coragem" de subir a um estrado para contar uma anedota, ou dizer uma "piada" de

espírito. No entanto, muitos serão capazes de fazê-lo, uns aos outros, em grupos reduzidos, quando êsses grupos se "formam naturalmente". O perigo, no caso, será criar "situações artificiais". Através dos estímulos gradativos, pode-se ganhar, pouco a pouco, a confiança e a "coragem" do fazendeiro, até que, finalmente, de "motu próprio", isto é, espontâneamente, resolve êle contar a sua anedota ou dizer a sua "piada", não a um grupo reduzido, mas sim, a tôda a assistência. Tal método possui uma importância socializadora muito grande, mas infelizmente não tem sido convenientemente utilizado em nossas reuniões.

As anedotas devem ser, porém, curtas e interessantes, isto é, ao apresentá-las não deve o "contador" fazer muita digressão, nem muitos comentários, em torno do assunto, indo logo ao desfecho, para produzir surpresa no espírito dos ouvintes. As anedotas longas são, por natureza, desinteressantes. A síntese é o segredo do agrado, em tais casos.

Na escolha das anedotas é preciso proceder com muito tato, afim de não ferir o amor próprio da gente rural. Será interessante, porém, focalizar, a princípio, casos em que o homem rural, o fazendeiro ou o homem do campo logrem, com mais frequência, o homem da cidade, ou o coloquem em situação embaracosa. Conquistada, porém, a confiança e a simpatia da assistência, poder-se-á fazer o inverso, contando-lhe anedotas em que o homem da cidade procura, por vários modos, valer-se da boa fé do homem do campo.

Há tempos li uma anedota, que pode servir de padrão para os membros da comissão, ao organizarem o seu programa. A anedota é a seguinte:

"Dois fazendeiros eram donos de uma granja leiteira e viviam afastados de Deus e da religião. Um deles foi, porém, ao povoado e resolveu entrar na igreja para ouvir o padre da freguesia. Depois, de ouvi-lo durante uma hora, regressou a casa, confundido com a pregação e disposto, não só a ser bom cristão, mas também a por o irmão no caminho do bem. Ao chegar disse:

— Meu irmão, precisamos lembrar de Deus, praticando a religião daqui por diante, isto é, sendo sinceros em pensamento, palavras e atos, como ensina a Santa Igreja.

— Está bem! Mas se tivermos de ser sinceros em pensamentos, palavras e atos, "quem irá botar água no leite", daqui por diante?!

O anedotário nacional é fertilíssimo; tanto no meio urbano, como no meio rural, existe uma apreciável quantidade

de anedotas, que bem caracterizam o espírito da nossa gente e o gôsto do nosso povo. Neste particular, os membros da comissão devem ter tato não só na escolha, mas também, na apresentação. Pois, muita vez, (e isso sucede freqüentemente) o efeito da apresentação da anedota depende de qualidades pessoais do "contador". E assim, boas anedotas se tornam "fracas" e vice-versa, anedotas "fracas" se tornam altamente estimulantes, dependendo isso, apenas, do "jeitão" da pessoa que as apresenta. Há pessoas que gozam dêsse dom natural de tornar tôdas as cousas engraçadas ...

**5. Comissão de "lunch"** — Durante a fase das "perguntas e respostas", ou das "anedotas", em que todos se acham mais ou menos à vontade, a "comissão de lunch" não deverá perder oportunidade de oferecer aos frequentadores "um cafêzinho", afim de que a palestra e o interesse pela reunião se reanimem, logo em seguida. Convém notar que êsse "cafêzinho" deve ser servido em bandejas, tal como se costuma fazer na fazenda, levando-se a cada qual a sua xícara, no lugar em que se encontra. Nada de convidá-los para tomar café em sala à parte. O café deverá ser servido de maneira comum, e o escopo principal da "comissão de lunch" deverá ser o de manter a boa disposição dos frequentadores, sem quebra do "ambiente natural" que, desde o princípio, se procurou criar. Êsse café deverá ser simples e constituir preparativo para outras atividades que a comissão realizará mais adiante, pois o verdadeiro "lunch", por ela preparado, deverá ser oferecido no fim dos trabalhos, em uma grande mesa, como se faz, nas fazendas, onde cada qual se assenta, no lugar que mais lhe convém. Para êsse "lunch", não é preciso muita cousa, e tudo depende, às vezes, da hora em que é oferecido. Se a reunião se realiza, em dias quentes, é conveniente oferecer, por exemplo, uma laranjada, um refresco, acompanhado de uns sandwiches, ou de algumas fatias de bolo e doces. Se, porém, a reunião se realiza à noite, o "lunch" sofrerá, então, em seu cardápio, as modificações ditadas pela hora.

Na preparação do "lunch" convém que a comissão observe atentamente os hábitos da nossa fazenda, afim de poder preparar comestíveis do gôsto da nossa gente, fugindo, tanto quanto possível, às *inovações* e aos *exotismos*, que nenhum agrado produzem no espírito, ou no gôsto do homem rural. E neste particular, a "cozinha brasileira" é riquíssima em quitutes e doces, tão ao sabor do nosso homem do campo. Até nisso é preciso não fugir ao que é "natural".

**6. Comissão de música** — Após o “cafázinho”, servido pelos membros da comissão de “lunch”, é oportuno o momento para apresentar aos frequentadores alguns números de música. A comissão encarregada dessa atividade, sem fazer alarde, introduzirá, na sala, naturalmente, os músicos cada um por sua vez, os quais tomarão assento, mesmo no seio da assistência para iniciar, aí, os seus primeiros números. Assim, porém, que toda a assistência estiver bem estimulada, então, o músico, ou os músicos poderão subir a um estrado, afim de prosseguirem, no seu programa. Convém observar aqui que, no preparo do programa de músicas, deve a comissão levar em conta a preferência ou o gôsto do homem rural para determinadas músicas e determinados instrumentos. Um piano e uma peça clássica, em tais ocasiões seriam um verdadeiro desastre. Acostumados ao violão, à sanfona ou harmônica e às músicas de sabor regional, os agricultores dificilmente suportariam uma peça clássica, executada ao piano. Suas predileções se voltam, de preferência, para as “rancheiras”, as “toadas”, ou para as valsas languorosas e tristes. Em tais programas não deverão faltar músicas como “Luar do Sertão”, “Saudades do Matão”, “Vida Malvada”, “Saudades de Ouro Preto”, “Sobre as Ondas” ou “Tico-Tico no Fubá”. Os instrumentos de sua preferência são, como já dissemos, o violão, a sanfona, a consertina, o cavaquinho e a viola.

Outro ponto que a comissão deverá observar, atentamente, é o relativo à duração das músicas. A repetição das partes, torna, para êles, monótona a execução. Por isso, é de toda conveniência que se executem as peças, seguidamente. Outra circunstância curiosa é a que diz respeito à variedade das músicas. O agricultor experimenta um prazer extraordinário em passar, bruscamente, de um estado de agitação espiritual para outro de verdadeiro enterneecimento. Por esse motivo, ao lado das músicas alegres e movimentadas, é aconselhável a execução de valsas languorosas e tristes. A duração do programa, também, é interessante, não devendo exceder de meia hora.

**7. Comissão de brincadeiras** — Logo após o programa de músicas, poder-se-á dar inicio a uma série de jogos e brincadeiras bastante estimulantes para os agricultores. Toda precaução deve ser tomada, porém, para não expor o fazendeiro ao *ridículo*, pois, isso seria capaz de gerar, no seu espírito, uma atitude oposta a que se deseja criar. E de toda conveniência que, a princípio, os jogos e brincadeiras sejam levados a efeito pelos próprios membros da comissão

os quais criariam, uns para os outros, "situações interessantes" e "difíceis", de modo a chamarem, para elas, a atenção da assistência. Em certa ocasião, vimos uma brincadeira como esta :

Do seio da assistência, levantou-se um indivíduo e disse :

— "D. Gertrudes deu parte à polícia, porque, à noite passada, lhe furtaram, no galinheiro, um frango pedrês, e eu acabo de saber, pelo delegado, que êste frango eatá aqui, no bolso de um dos frequentadores".

Houve um reboliço geral... e, finalmente, aquele que o trazia, de propósito, no bolso, simulando encalistramento, foi entregá-lo ao outro. Ao receber o frango, volta-se, de novo, o indivíduo para a assistência e pergunta :

— "Qual a penalidade que devemos impor "ao ilustre visitante" do galinheiro de D. Gertrudes"?

Imediatamente, um terceiro (prevenido para isso) grita logo :

— "Que conte uma anedota, ou cante u'a modinha ao violão".

Brincadeiras simples, como esta, podem dar ótimo resultado, em tais ocasiões. O mesmo se poderá dizer com relação aos jogos de salão. Muitos deles, porém, não são do conhecimento de nossos agricultores e precisam ser introduzidos, com habilidade, pelos membros da comissão, para que se torne mais socializada a vida de nossos habitantes rurais.

**8. A palestra agrícola** — Em meio às músicas e brincadeiras, a comissão de palestras agrícolas, depois de um preparo prévio, apresentará então por intermédio de um ou dois de seus elementos, algumas noções sobre certos problemas da fazenda, podendo não raro o assunto girar sobre preocupações de ordem econômica, ou social. Para a apresentação da palestra, o palestrador deverá sair, também, do seio da assistência, sem qualquer espécie de anúncio prévio. Julgamos oportuno dizer aqui que condenamos, para uma assembléia de agricultores, a forma protocolar "da constituição da mesa", durante a qual se procura fazer "distinção de indivíduos" e criar uma situação, de todo "artificial" e constrangedora para o resto da assistência, a qual não se sentindo à vontade, em pouco tempo se entregará à fadiga. Em tal caso, fôrça é não criar "situações artificiais e postiças". O ambiente da reunião não deve ser "ambiente de conferência", deve ser, antes por todos os modos e circunstâncias, um "ambiente de vida". Daí a razão por que julgamos de absoluta necessidade que o palestrador saia, como mero

espectador, do seio da assistência, iniciando daí a apresentação do seu trabalho, sem que os demais percebam nele qualquer sinal, que o coloque em "posição de superioridade". A medida que for desenvolvendo o assunto da sua palestra, poderá, então, sem que os outros o percebam, procurar a "posição" ou o "lugar", em que melhor se faça ouvir.

E' aconselhável que o palestrador se levante e comece o seu trabalho, por uma "anedota", ou uma "piada" de espírito, entrando, daí por diante, no assunto sério de suas considerações. Costuma-se aconselhar, também, o início de tais palestras por um diálogo entre duas ou mais pessoas, que, em tom mais elevado, se põem a conversar no seio da assistência, terminando uma delas por monopolizar a palestra, afim de explicar o ponto controverso, que deu inicio à discussão. Este método é, também, interessante e pode estimular, grandemente, a curiosidade dos agricultores, pois, é na maneira de começar a palestra que está uma grande parte do seu êxito.

Na apresentação da palestra agrícola, convém que o palestrador desenvolva questões de interesse objetivo para os fazendeiros. Nada de *idéias* abstratas, nada de citações, como já dissemos. O que eles desejam ver, sobretudo, são *fatos*. Além disso, é de toda conveniência que a palestra não focalize "muitas questões". O palestrador deverá tomar, no máximo, treis pontos, afim de poder desenvolvê-los, com clareza, com método, e boa disposição. Suponhamos, por exemplo, que se queira falar sobre a cultura do milho. Muitas questões poderiam ser suscitadas a respeito. Para um técnico no assunto, o tema daria margem a longas dissertações. Mas, no caso, o que convém apresentar é, apenas, aquilo que representa o *interesse imediato* do fazendeiro. Assim, o palestrador poderia desenvolver tódas as suas considerações em torno de treis pontos, tais como:

1<sup>a</sup>.) Por que os fazendeiros trabalham muito e produzem pouco milho?

2<sup>a</sup>.) Como podem produzir mais milho, trabalhando menos?

3<sup>a</sup>.) Não basta produzir muito milho, é preciso, também, saber vendê-lo.

Em torno dessas treis questões poderá, portanto, dar aos agricultores uma série de noções úteis, não só de caráter técnico, como também de caráter econômico; não só de produção, mas também de colocação do produto. A propósito da venda do milho produzido, seria, por exemplo, in-

teressante que o palestrador fizesse à assistência uma pergunta, como esta:

“É mais interessante vender o milho na época própria, ou engordar capados com êle, para depois vender, por bom preço, o toucinho”?

Eis aí uma pergunta curiosa que poderia trazer muitas noções esclarecedoras para o fazendeiro plantador de milho e criador de porcos. Procurando focalizar o assunto, através de noções desta natureza, muito estímulo poderá provocar o palestrador no espírito dos frequentadores da reunião.

A propósito da duração da palestra, convém dizer ainda que elas não deverão exceder de vinte a trinta minutos. Mas, de um modo geral, essa duração muito depende da disposição de espírito dos ouvintes, ou do seu grau de interesse. Terminada a palestra, assentando-se, novamente, no seio da assistência, o palestrador dirá que está pronto a responder a qualquer dúvida ou questão que lhe for apresentada. Assim fazendo, concorre êle, de maneira eficaz, para estimular mais uma vez ainda os frequentadores, obrigando-os a participar ativamente da palestra. Nesta fase de perguntas, os agricultores terão oportunidade de apresentar seus próprios problemas, e isso é de grande utilidade para aqueles que organizam as palestras agrícolas. Antes de concluir a palestra, é ainda, de todo aconselhável que o palestrador recapitule os três pontos que tomou para base de suas dissertações, e faça uma conclusão forte, enumerando as medidas principais, ou fundamentais, aconselhadas aos fazendeiros, através da sua exposição.

**9. Comissão de cinema e dramatização** — Dada a enorme influência que o cinema exerce, hoje, sobre as massas, o anúncio de uma sessão, juntamente com a palestra agrícola, pode despertar grande interesse e determinar desusada frequência. Por êsse motivo, para terminar a reunião, seria oportuno oferecer aos frequentadores a “filmação” de alguns fatos e acontecimentos importantes da vida moderna, pois o cinema é, sem dúvida, importante veículo de transmissão de cultura. Ao lado dos “films” de “Cow Boy”, tão do gôsto da nossa gente rural, poder-se-ia oferecer-lhe uma série de outros films educativos, destinados a influir nos seus hábitos e a modificar as suas atitudes. É verdade que êsses “films” ainda não estão muito generalizados em nosso meio, mas tudo devemos fazer para incrementar a sua produção, porque ela é, realmente, de capital importância para nós. Através do cinema, poderemos realizar um importante trabalho de socialização do nosso povo rural, incutindo-lhe

novos hábitos de vida, novas idéias, novos sentimentos e novas atitudes. Como fator de educação das massas, o cinema é, sem dúvida, um dos mais importantes. Daí a razão por que preconizamos, na organização de uma palestra agrícola, a constituição de uma comissão especial, destinada a cuidar dessa importante atividade. A cargo dessa comissão ficaria a escolha dos "films", a instalação do aparelho e acessórios, a produção de energia e a operação do film para os frequentadores. Nenhuma dessas fases do trabalho deverá escapar aos membros da comissão. Seria de grande importância, também, que os membros dessa comissão fizessem um inquérito, após a "filmagem", para saber qual foi o tipo de film que mais agradou aos frequentadores. Isso será, de real proveito na escolha e seleção dos "films".

Convém que a "filmagem" não seja longa. É preferível que os agricultores se penalizem por ter sido curta a sessão, do que se lastimem por ter sido demasiado longa. Psicologicamente falando, é bom que as cousas agradáveis sejam de pequena duração, pois, é em virtude, sobretudo, dessa circunstância, que exercem considerável força de atração sobre os espíritos.

Quando, porém, for de todo impossível à comissão, organizar uma sessão de cinema, convém não se esquecer do efeito que a dramatização produz sobre o espírito das massas. Durante muito tempo, foi o teatro um poderoso vínculo de difusão de cultura, e, embora mal dirigido e mal orientado, produziu frutos benéficos entre nós. Já houve um tempo em que qualquer cidadezinha do interior possuía o seu "Clube Dramático e Recreativo". Era aí que se reunia, frequentemente, o povo, nos dias de festa, para as suas diversões. Esses "centros dramáticos e recreativos" foram, portanto, importantes "focos de cultura". Com o advento do cinema, porém, entraram em decadência, até que desapareceram, quase completamente, ficando limitados, apenas, às capitais, ou a uma ou outra "cidade do interior". Mas, apesar disso, o gôsto pelo teatro ainda não desapareceu completamente, e o homem rural continua a ver nele um forte estímulo à sua curiosidade. Por isso, a comissão não deverá perder oportunidade de oferecer aos frequentadores da reunião um "pequeno espetáculo", e, sempre que não lhe for possível, apresentar-lhes uma sessão de cinema. Mas, como proceder em tal caso? De maneira simples. Os *esquetes* ou as "pequenas dramatizações" deverão ser levadas a efeito pelos membros da própria comissão, a qual deverá ser constituída de rapazes e moças, como já dissemos na primeira parte dêste trabalho. Tais elementos deverão estar, como os

frequentadores, fazendo parte da assistência. No momento oportuno, cada qual irá se levantando do seu lugar, afim de assumir o papel que lhe compete. Sem perceber, os fazendeiros presenciarão o desenrolar de pequenas cenas interessantes, através das quais os "artistas" lhes transmitirão noções úteis as suas atividades económicas e sociais. Felizmente, através do rádio, que é outro precioso meio de difusão de cultura, os *esquetes* estão se desenvolvendo rapidamente, entre nós, de modo que a comissão já encontrá hoje, um farto e copioso manancial de repertório, nesse gênero. O seu trabalho será, apenas, selecionar os melhores e acomodar a sua linguagem ao nível da compreensão do homem rural. Disso se encarregará a comissão com a devida antecedência e com o devido cuidado. Em síntese, de uma boa dramatização, às vezes, depende o interesse dos agricultores em relação às nossas reuniões rurais. Por esse motivo, não devem os membros da comissão esquecer-se do importante papel que representam como cooperadores, na palestra agrícola.